

DEPOSITO LEGAL  
- MAR. 1957



CAS MUNICIPIO  
BIBLIOTECA

**CRÓNICA**  
*Masculina*

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

# CRÓNICA Masculina

N.º 13 — 2-III-1957

Director e Editor: RUI COSTA

Redacção e Administração: Rua Saraiva  
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39  
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR  
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGENCIA  
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-  
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.  
(Anuário Comercial de Portugal)

Todos os sábados

DE HOMEM PARA HOMEM

## CARNAVAL, TEM CAUTELA!



**R**ISOS, flores, «champagne» ou «carrascão», conforme a bolsa, o bom-humor, a «blague», a zombaria irreverente, a alegria incondicional, com mascarados, guizos, chocalhos, carros alegóricos, cores, serpentinas, frascos de cheiro, petardos de ovos de galinha e outro lança-obus, niagaras de «confetti» — aí vem ele como sempre, sumptuoso, áilacre, vibrante — o formidável Carnaval alfacinha.

Para o receber desanuviavam-se os semblantes, alisam-se rugas de tristeza, betumam-se os gilvazes das faces, dissimulam-se rictos de agonia. Troca-se a indumentária convencional pelo traje irisado do Arlequim e pelos «maillots» das Columbinas. Substitui-se pela máscara de três dias, a máscara estafada, formal, de todo o ano, que é postíça, incómoda e faz mal ao fígado.

Desvendam-se aptidões, como se o Entrudo fosse um instituto de orientação profissional a funcionar nas ruas, e revelam-se temperamentos, feitos e caracteres; acen-tuam-se vocações contrárias, e cada qual mostra o que deve ser, pelo alívio de não precisar de aparentar o que não é. E esse terrível «mal secreto» — taça de fel da humanidade inteira — derrama-se num lenitivo tão balsâmico que parece baixar do céu às profundezas dos corações que sangram.

Então tu — ó deliciosa Fantasia! — pairarás sobre todas as coisas, rociando e colorindo tudo, suavizando torturas e rancores, acariciando com as pontas dos teus véus etéreos as amarguras humanas de trezentos e sessenta e dois dias. Tu — ó Carnaval! — que nos curas do tédio e da neurastenia, és para nós uma necessidade orgânica, tão fisiológica como dormir, comer e respirar. Vem, que nós vamos esperar-te. Sabemos que surgirás risonho, gárrulo, irrequieto, franco, inebriante, avassalador. Queremos saudar-te, e iremos reinar contigo. Carnaval, deus das alegrias soltas!

.....  
Visão nas trevas de um sonho!...

Quando na quarta-feira, os ventos do céu hajam varrido os últimos folguedos e as últimas rodell-nhas de «confetti», tu, Carnaval, também serás cinza. Rei agonizante, tu, que concedias moratória a toda a gente, mais ano menos ano, tens de pagar a tua dívida. Eu sei que já não vens à rua e que, velho e trépego, vacilas nos salões. Fazes bem em não sair de casa. Guarda-te do frio, dos maus olhados, das intemperanças dos tempos que te consumiram. Repousa, Carnaval, eximo-te à fadiga; nem apareças a ninguém. Não queiras envelhecer ainda mais nestes três dias.



FAZER ANOS...

## O IX ANIVERSÁRIO da Agência Portuguesa de Revistas

UM dia de aniversário é sempre um dia de recordações. A «Agência Portuguesa de Revistas», criada pela vontade de dois homens de temperamentos distintos, mas que se completavam no esforço a dar à empresa para que ela singrasse e fosse um êxito, fez ontem precisamente nove anos.

Embora dominados pela delicada emoção a que chamamos saudades, não vamos reviver, em palavras, o que foi, e quanto cresceu até à hora presente uma organização que, permitindo o entono dizer, triunfou rapidamente sobre as congéneres.

Se é certo que do êxito dos labores criados ou desenvolvidos em nossa casa, partilha também o público ao qual nos vincula desde a primeira hora o elo indelétrico do pensamento transmitido pela palavra escrita, não será menos legítimo que celebremos intimamente a nossa festa.

Ocioso se nos afigura vir dizer à rua o grato sentimento que nos invade ao cumprirmos mais um ano de existência.

A custa de sacrifícios e de renúncias honramos o que prometeramos a nós mesmos: re-moçar a literatura popular portuguesa, revelar novos valores, apresentar publicações capazes de rivalizar com o melhor que se faz lá fora.

E se no aspecto produção alcançámos amplamente o objectivo que nos movia, no capítulo distribuição que quase preencheu os primeiros anos da nossa vida, podemos-nos orgulhar de um triunfo completo: a nossa Agência distribui actualmente um milhão de exemplares, entre publicações nacionais e estrangeiras, por mês.

No limiar de mais um ano não nos deixamos deslustrar com o fulgor dos êxitos semeados na estrada percorrida; seguiremos a mesma esteira até alcançar a meta que demandamos.

É esta a consciência dos homens da nossa casa.

## A ALMA, A ACÇÃO E OS NERVOS DA NOSSA AGÊNCIA

MÁRIO de Aguiar a alma, a acção e os nervos da Agência Portuguesa de Revistas, é um daqueles homens que nascem impulsionados por sopró de actividade intensa.

Dizia-nos um destes dias um humorista que, quando ele pagar a sua dívida, a sua dívida de mortal (que outras não tem) o relógio que traz no pulso há-de trabalhar mais outra vida.

Nós, modestos trabalhadores da Agência, preferimos sinceramente, que seja o dono e não o relógio a prolongar a sua acção por muitos anos e bons de fecundante exercício. Mas (que nos perdoe o chefe, cultor apaixonado, quase parnasiano, das graças de espírito) achamos feliz a definição e vamos perfilhá-la sem reservas. Habitua-dos a lidar com ele, a conviver dias a fio no trabalho estrénuo da produção que não pára, sempre lhe notámos afinidades flagrantes, inusitadas com esse pequenino mecanismo que os homens inventaram para medir o tempo. E se o engenho e a arte nos ajudassem, havíamos de caricaturá-lo, diligente e justo, a mirar o seu relógio.

Se a palavra é uma hipoteca e as horas letras vencíveis a prazo fixo, a pontualidade é um dogma cujo texto só pode ser alterado pelo meridiano de Greenwich. A execução de uma tarefa aceite, combinada, tem ponto marcado no seu gabinete. Para as faltas não há advogados possíveis nem

atenuantes que valha a pena evocar. O atraso dos originais, que a tipografia espera, é um delito insanável, previsto no código do trabalho, com a pena irredutível do ostracismo.

Mas se o colaborador é dos que cumprem, o algoz dos negligentes, o espectro que persegue os que todos os dias «fazem» no dia seguinte, transforma-se no mais adorável dos chefes, no mentor que incita, acarinha, recompensa. E aqueles lábios que muitos julgam propensos ao ralho e à censura entreabrem-se num sorriso para proferir um chiste que ninguém ouvia.

A mão que indicara a porta aos répro-bos, aos «irrecuperáveis», põe o visto no recibo prontinho a cambiar. «O trabalho é um cheque que se paga à boca de cofre».

\*

Este é o segredo do êxito da Agência, que, com legítimo orgulho, vem singrando airo-samente no mar proceloso das editoriais: publicar em dias certos e o melhor possível os livros, as revistas e os magazines que lisonjeiam o sabor do público.

Não apresentar o homem que «apresenta» as publicações lidas em Portugal, de lés a lés, e que não raro invadem fronteiras para chegar às casas dos assinantes de Espanha e Brasil, afigura-se-nos um paradoxo que Óscar Wilde, se fosse vivo, havia de inserir num volume distribuído ou editado pela Agência. Ouvir Mário de Aguiar sobre o aniversário que ele estima para o livro das suas reminiscências, (mas que para o seu código do trabalho é mero fecho de um ciclo convencional de tempo), seria interessante, se ele anuisse.

Convídá-lo, porém, a uma entrevista,

seria intento previamente votado à recusa. Por isso conversámos com ele como cavaqueamos quando o trabalho está pronto e a edição anda na rua:

— Que quer que lhe diga, amigo? — exclamou.

Que vem de muito longe a minha vocação de editor?

Que comecei por fazer álbuns de Modas e outras revistas para senhoras e que, um dia, tive a ideia de ir chamar o Sr. António Dias a quem a amizade havia muito me associava para nos associarmos nesta organização?

Podia sim dizer-lhe muitas coisas, recordar um a um os desígnios que nos alimentavam, felizmente todos concretizados na obra palpável em que ele como eu, como aliás todos os colaboradores da Agência revêem, orgulhosos.

Mas prefiro a acção às palavras e neste dia de lembranças apenas um anseio quero exprimir: que a Agência continue a merecer o favor do público, traduzido na sua confiança e na sua preferência. Os nove anos percorridos não lograram senão o alicerce sólido que há de estruturar um grande edifício. Não nos desviaremos da linha geral, antes procuraremos elevar cada vez mais o nível do nosso trabalho, pois dar ao público cada vez mais e melhor, alimentar continuamente as dilecções do seu espírito é a razão de ser da nossa casa e a finalidade digna primária pela qual propugnamos.

---

Com o fim de intimar-se possível ainda mais quantos trabalham na Agência, Directores e funcionários reuniram-se ontem num almoço.

Impossibilidades técnicas irremovíveis não nos permitem publicar a notícia do vibrante acontecimento que registaremos no próximo número da «Crónica».



## PROBIDADE EXAGERADA

Uma senhora que levava um embrulho com alguns presentes, tomou o comboio para a localidade onde habitava. Antes de descer da carruagem, verificou que um passageiro deixara volumoso pacote sobre o banco. Ela pegou nesse volume e apressou-se a entregá-lo ao chefe da estação.

No momento em que tomava o caminho de casa, a senhora soltou um grito:

— Mas... e o meu embrulho?

Todos os seus esforços para o encontrar foram fraudados. E a honrada e bondosa senhora deixou de acreditar na justiça imanente.



## ALMANAQUE PLATEIA

# 1957

### Um êxito!

## CAPAS A CORES

8 ESC.

## INGRID não deixará ROSSELLINI

Ingrid Bergman concedeu a uma revista italiana uma entrevista em que afirmou não existir nenhuma sombra na sua vida familiar, e que não tem a mínima intenção de se divorciar de Roberto Rossellini (que se encontra na Índia, a preparar um filme). Não abandonará também a Itália, o país que seu marido a ensinou a amar. Ingrid, que já conquistara um «Oscar» em 1944, obteve, recentemente, o «prémio dos críticos» de Nova Iorque, pela sua interpretação em «Anastásia».

Ingrid Bergman encontra-se actualmente em Paris, interpretando com êxito «Chá e simpatia», de Anderson, no «Théâtre de Paris».

Rossellini expede, por dia, três affectuosos telegramas endereçados à esposa.

## O MAIOR BICHANO!

O gato mais gordo do mundo não vive em Inglaterra, como os cronistas do mundo dos felinos afirmaram recentemente.

Os italianos pretendem essa honra, e afirmam que «o maior» está em Milão.

Pormenores: Chama-se «Ciccin» e pesa cerca de treze quilogramas; tem dois anos e... come muito! O peso vulgar de um gato (também vulgar) é de cerca de três quilogramas.

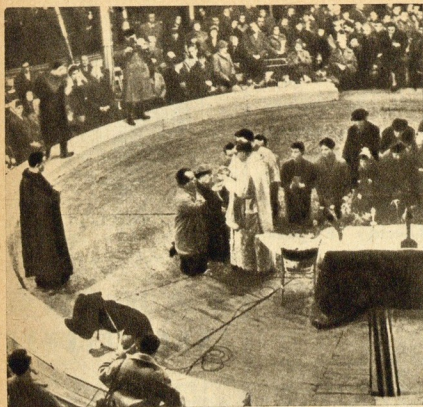
Aqui vemos o excepcional *animalsinho*, que tem o pêlo malhado de preto, no colo da sua proprietária, visivelmente orgulhosa do lindo bichano.



## SANÇÃO INSUFICIENTE

Lemos que em Teerão, quando a policia encontra um individuo em flagrante delicto, limita-se a queimar-lhe as roupas e mandá-lo para casa em trajes menores. Pode algum cabo de esquadra cair na tentação de adoptar um método semelhante. Antes que tal suceda, permitimo-nos a liberdade de augurar a sua ineficácia.

Na nossa terra, um individuo em trajes menores não chamará a atenção de ninguém. Toda a gente o confundirá com um turista antecipado. E depois sucederá também que, se se resolver seguir-lhe o itinerário de regresso a casa, o delinquente divertirá-se a muito assustando as senhoras idosas a cujas portas baterá com o pretexto de lhe pedir um agasalho. E não haverá nada de especial se ele organizar corridas pedestres, uma vez que o deixaram em rigoroso uniforme atlético. Os privilegiados cérebros dos trapaceiros, tão férteis em recursos, não vão desprezar o ensejo que lhes proporciona a autoridade para se exhibirem em manifestação puramente desportiva.



## A PEDIDO DE UM DOMADOR

Um bando de pombas domesticadas levantou voo sob a cúpula do grande Circo Orfei, no momento em que o Cardeal Siri, Arcebispo de Génova, lia o Evangelho, durante a missa por ele celebrada para 1.200 artistas nómadas.

Depois de algumas voltas em redor dos assistentes, as docéis aves regressaram aos ninhos.

Orlando Orfei, o domador a quem dias antes a leoa «Terrez» arrancara um braço, pediu ao ilustre Purpurado que consumasse no seu Circo o sacrifício divino.

Impressionado, o Arcebispo de Génova acedeu.

## Pérolas pescadas em provas de exame

Os Gauleses bebiam o hidrogénio pelo crânio dos inimigos.

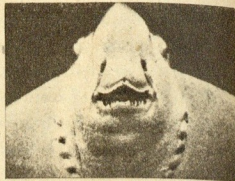
Pasteur inventou os micróbios.

Os homens pré-históricos tinham instrumentos hereditários para fundar uma família.

O Egipto antigo era governado por fanfarrões.

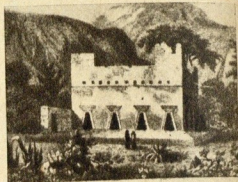
A ociosidade é a mãe de todos os filhos.

## É CAPAZ DE NOS DIZER?...



1 De onde surgiu este monstro curioso... e um tanto assustador? É:

- A — Uma máscara ritual inca?
- B — Uma cogula de chefe do K. K. K.?
- C — Uma tartaruga de colar?
- D — Uma raia gigante?



2 Vestígios de um passado que deixou, felizmente, belas mensagens no aspecto arqueológico, estas ruínas são:

- A — De um tempo inca, em Titicaca?
- B — De uma casa de sacerdote hindu?
- C — Do túmulo de um sacerdote egípcio?
- D — De uma residência etrusca?

RESPOSTAS: 1 — Uma raia gigante. 2 — De um templo inca.

## O FADO NAS TELAS DE UM PINTOR LISBOETA

«Almas vencidas  
Noites perdidas  
Sombrias bizarras...

Amor, ciúme,  
Cinzas e lume  
Dor e pecado...»

... tudo isto existe e foi fixado com raro objectivismo nas telas de um dos mais representativos valores da moderna Pintura portuguesa.

Em violentas e incisivas pinceladas Vilhena captou toda a gama de sensações do dramático e angustiante mistério do Fado.

Nun beco da Mouraria  
Onde a alegria  
Do Sol não vai...



RETRATO DE AMALIA, óleo de Vilhena, é a melhor interpretação plástica da célebre cantadeira de fados.

...vivem e sofrem, amam e pecam estas mulheres. E mais do que os estigmas que a vida vai

gravando nos seus rostos, o artista retratou profundamente a tragédia patética desses seres.

De facto, para além da sensação de erotismo que ressumbra de uma análise superficial,

furtiva, existe na obra de Vilhena intencional sentido humano.

A ausência de esperança, o fatalismo, o mórbido e pungente cansaço da vida, estão patenteados nos seus quadros com um vigor e uma rudeza que nos sugerem Van Gogh e Toulouse-Lautrec. — J. P.



«O FADO». Todo um drama está representado neste retrato de mulher.



«O FADO MODERNO». Mais um óleo de Vilhena, que nos revela a maleabilidade plástica do pintor.



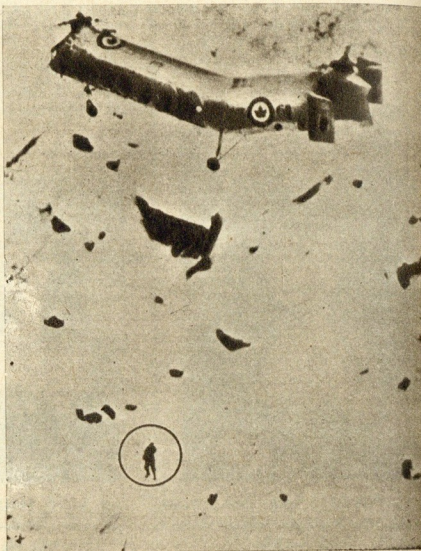
## Escaparam à morte

Embora nem sempre o êxito seja total (como na recente tragédia do Monte Branco), o emprego do helicóptero, para realizar buscas e salvamentos nas altas montanhas, é aceito e recomendado.

Assim o demonstra esta foto aérea, tirada nas montanhas canadenses, não muito longe de Vancouver. Dois aviões a jacto chocaram no céu: dois dos pilotos morreram imediatamente; os outros dois conseguiram saltar de pára-quedas.

Em socorro destes últimos partiram helicópteros, que em pouco tempo os salvaram.

Vemos na imagem um dos aparelhos, no instante em que pousa ao lado de um dos sobreviventes.



## MODELO ARTÍSTICO

Aqui têm os leitores (que gostam sempre de conhecer novas sobre indumentária feminina) o lindo modelo criado pela jovem Diana Douglas (a da esquerda) e que ela mesma exibiu num desfile organizado pelos estudantes de arte de Glasgow. Parece que a criadora de tão original figurino possui grande temperamento artístico. A sua criação ajusta-se, não há dúvida, a depurados princípios estéticos, além de se ajustar — como se vê — à anatomia da grande inovadora. Tanto a forma como a cor são consequência da moda actual, se não produto de aturadas congneminações artísticas.

É natural que a experiência haja colhido magro êxito entre a burguesia. Uma senhora que pretendia repeti-lo (vide imagem da direita) sentiu-se defraudada com o modelo. Mas é o que diz Diana Douglas: «Senhora, eu pus arte no meu vestido. Vossa Excelência só lhe pôs o género. Nisso é que reside a diferença».

Perante estas coisas, os burgueses, que sempre consideraram a arte «coisa de idiotas» não mudam de opinião.

DO  
"CONFETTIS"  
de açúcar  
AOS  
"CONFETTIS"  
de papel  
PASSANDO POR  
BRINCADEIRAS  
DE MAU GOSTO



Não julguem que lhes vamos oferecer «confettis» de papel. Vamos, dar-lhes dos autênticos, dos originais, que foram disputados em Itália por volta do século XVIII: «confettis» de rebuçado!

Quando chegava o Carnaval, era um prazer apanhá-los. Os Italianos, sequeiros de guloseimas, vinham para a rua e esfendiam as mãos aos balcões dos velhos palácios. Os caramelos lançados pelos grandes senhores caíam-lhes em cima qual maná celeste.

Sem conservar a importância que tinha nessa época, o costume dos «confettis» de açúcar subsiste em algumas cidades do norte e do centro da França, assim como em Portugal (com o nome «confeitos» — usados em casamentos e baptizados), para alegria das crianças, que correm a recebê-los como dádiva do céu.

...Mas os comerciantes meteram-se no assunto. Um italiano teve a ideia (genial para ele!) de fabricar bolinhas de massa, que envolvia em papéis coloridos, mais pequenas que os rebuçados. O seu preço estava ao alcance de todas as bolsas. Deste modo, todos podiam dar-se ao luxo de ter o saquinho cheio... mas estava assinada a sentença de morte de uma das mais valiosas tradições. Além disso, estes «confettis», revelavam-se de tal modo «assasinos» que constituíam armas de respeito contra as quais era necessária a protecção de uma máscara e de uma capa. Em 1890, as pessoas que se arriscavam a seguir os cortejos carnavalescos, usavam uma máscara de rede, para salvaguardarem o rosto.

Este costume, muito desagradável (como é fácil reconhecer), desapareceu em quase toda a parte.

Foi Paris que consagrou definitivamente «confettis» coloridos. O «Casino» e o Théâtre National de l'Opéra tiveram a ideia de lançar em cena, numa representação de terça-feira de Carnaval, as pequenas rode-linhas de papel.

Essas «borboletas» leves e multicores passaram às ruas, chegando exactamente no momento oportuno: os brincalhões divertiam-se a atirar lama e água suja sobre os vestidos das elegantes que se arriscavam a incorporar-se na multidão. Erguera-se uma cruzada contra semelhantes costumes... Os «confettis» de papel renamaram os ânimos excessivamente meridionais.

São biliões os papelinhos que saem todos os anos das casas especializadas no seu fabrico. No sul e no centro da França criou-se verdadeira indústria, que dispõe de máquinas próprias e aperfeiçoadas, as quais chegam a produzir duas toneladas de «confettis» por dia. Calcula-se em mais de trezentos milhões de quilogramas o contingente de «confettis» lançados, em cada ano, no Carnaval de Nice. E, conforme o tempo, estas toneladas de papelinhos fazem a felicidade... ou o desespero do serviço de limpeza da cidade. Se faz sol em poucas horas os «confettis» são aspirados para reverterem aos fabricantes de papelinhos.

Mas, se chove, são toneladas de lama que se escoam lentamente pelas sargetas...



## Dois afilhados de SINATRA

A popularidade de Frank Sinatra é sempre crescente. O simpático actor e cantor, que está a realizar uma «tournee» pelo Estado da Nevada (E. U.), exhibiu-se durante alguns dias com a orquestra do Sands Hotel de La Vegas. Entre o público presente, duas senhoras pediram-lhe para servir de padrinho aos recém-nascidos bebés. A proposta foi imediatamente aceite, e aqui está Frank Sinatra, um pouco embaraçado, depois do rito, com os dois afilhados nos braços.



## Para adivinhar

A título de prémio de consolação como nos desaparecidos concursos rádio-publicitários, um carola do futebol, cluisticamente incolor, compôs este quadro no qual retratou os elementos que guarnecem o reduto defensivo de uma equipa que disputa o campeonato Nacional de Futebol da I. Divisão.

A má reprodução (intencional) da obra pictórica dedicada aos ídolos do chute permite-nos colocar ao leitor este pequeno problema: Quem são eles?

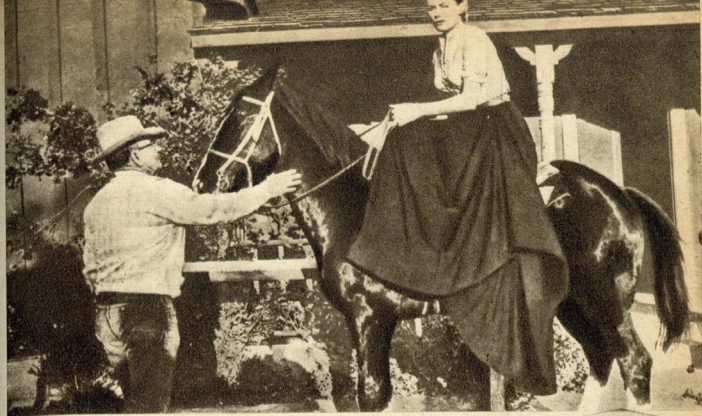
Bastos, Jacinto, Artur e Angelo, ou Pinho, Virgílio, Arcanjo e Osvaldo? Veja se descobre.

### SOLUÇÃO

Perdoe-nos o leitor, mas nós, como vocês, temos de aguardar a conclusão do campeonato, que se verificará no próximo dia dezasseis de setembro, na hora de interrompido para desafios internacionais e outros que tais.

### ESPECIALISTAS

Dois médicos conversam sobre assuntos da sua profissão no corredor dum hospital. Nesse momento passa em grande velocidade uma jovem enfermeira. «Que pernas fantásticas», exclama um dos médicos. O outro encolhe os ombros e diz: «Disso não sei, caro colega. Sou especialista de olhos, nariz e ouvidos».



## INFLUÊNCIA DA ELECTRICIDADE SOBRE O DESENVOLVIMENTO FÍSICO E INTELECTUAL

O grande sábio sueco Svant Arrhénius quis verificar se o fluido eléctrico tem influência sobre o nosso desenvolvimento físico e intelectual.

Arranjou dois grupos de cinquenta crianças, escrupulosamente escolhidas, de modo a apresentarem condições semelhantes de idade, saúde, altura e peso: O primeiro grupo trabalhava numa sala cuja atmosfera era constantemente «atacada» por eflúvios eléctricos, por meio de fios condutores dissimulados sob o soalho, atrás das paredes e por cima do tecto. Isto com total desconhecimento dos alunos e até dos professores.

Passados seis meses, os alunos electrizados tinham crescido em média 51 milímetros; quinze deles tinham a nota máxima: 20 valores; no conjunto, a média das notas de aproveitamento era de 18,4. E todos os professores sentiram aumentar, numa proporção notável, a sua resistência à fadiga.

No outro grupo, a média de crescimento foi de 32 milímetros; e das notas de aproveitamento 15, e somente 9 alunos conseguiram o máximo de 20 valores.

Restá saber se estas práticas, não apresentam inconvenientes.

(Isto podia ler-se em L'Illustration, de 22 de Junho de 1912).

## ANITA «cow-girl»

Depois de interpretações ligeiras, em que viu papéis de amorosa e de modelo, a artista sueca Anita Ekberg prepara-se agora para uma nova «fase» como personagem típica americana: mulher de «cow-boy».

O filme terá o título de «Valerie» e está prestes a ser rodado.

Entretanto, a bela Ekberg começou a aprender a arte de cavalgar, atenta às instruções dos especialistas do género, em Hollywood.

Embora sueca, era fatal que os americanos iriam aproveitar o interesse despertado por Anita Ekberg para mais uma «cow-boy... ada».

Pode chamar-se a isto «jogar com a sueca» em produções de interesse duvidoso. E, com esse trunfo, é jogar para ganhar.



(Na edição anterior começamos a publicar uma história que pretende ser a reabilitação universal do porco, animal degredado pelas más línguas que ele afinal lionjeia. Essa história prossegue aqui, e o leitor que já saboreou a primeira peça, pode começar a afiar o dente para mais um bom naco de chispalhada).

O Abade São Dionísio relata-nos o episódio da morte do príncipe Filipe, presuntivo herdeiro do trono da França, da seguinte maneira: «O filho do rei Luis, criança amável e bondosa ao ponto de merecer ser santo, verdadeira esperança dos bons cristãos, quando, certo dia, passeava aprazivelmente, a cavalo, pelas ruas de Paris, ocorreu-lhe esta desgraça: O seu cavalo assustado com a acometida de um grande porco, muito furioso, deixou cair da sela o príncipe, e este tão bondoso e nobre menino, foi atacado pelo fochinho animal, e ao avizinhar-se a noite, Filipe morria em consequência do susto e do ataque da besta».

Daí proveio uma ordem severa para não deixar que os porcos andassem à solta pelas ruas de Paris; mas apesar da sua severidade, o decreto teve a sorte de muitos outros decretos. Ninguém, fez caso dele. No entanto a ordem foi reiterada muitas vezes, logo de boca procurou fazê-la cumprir mas sem êxito. Um diploma por ele rubricado em 30 de Janeiro de 1350, tinha este teor: «Ninguém ouse criar, nutrir e cuidar dentro dos muros de Paris nem em parte alguma, livres e soltos, varas de porcos. E, a seguir à ordem marcada o castigo a quem infringisse esta: «Aquele que for descoberto a fazer o contrário deste mandato, pagará dez soldos de multa, além de lhe ser apreendida pelos aguzais toda a vara, como assim poderão fazê-lo aquelas pessoas que encontrarem cerdos livres pelas ruas de Paris, aos quais deverão, imediatamente cortar a cabeça e levar os corpos ao Hospital de Deus, da cidade».

## A HISTÓRIA SENTIMENTAL do PORCO (II)

Depois do sucesso que se tornou mortal para o filho de Luis o Cordo, apenas os religiosos de Santo António tinham o privilégio de criar porcos.

Uma ordem de Carlos VII, datada no ano de 1945, menciona esse direito conferido aos antoninos. Nessa época aqueles monges possuíam um indulto de sua propriedade dentro de Paris e gozavam da fama de curar a doença infecciosa conhecida por **fogo de Santo António**, friccionando os membros afectados com banha de porco, depois de ter passado sobre ela a reliquia do Santo.

Os cerdos dos Padres de Santo António passavam com uma campainha ao pescoço, que servia para distingui-los dos outros pertencentes a currais estranhos ao convento. E quando foi proibido terminantemente que pululassem varas pelas ruas e bem assim cerdos soltos, ainda soaram as campainhas dos cerdos dos antoninos.

### GRANDEZA E DECADÊNCIA PORCINA

A idade medieval viu grande valor a este rosado e mundo animal. Apareceu uma poetisa terna e enamorada das criaturas porcinas. Chama-se essa mulher poeta Maria de Francia. Nos seus escritos e poemas deu um encanto novo aos cerdos do século XIII.

Transcrevemos algumas peças que compo-

«Um lobo faminto espreitava uma cerda, a qual procurava sifto para dar à luz os seus pequenos. O malvado lobo queria comê-los, tenrinhos, ao nascer.

«Mas a cerda lhe disse: Vai-te, animal grosseiro. Não sabes que não existe fêmea alguma no mundo capaz de gerar sem ter dor? E o lobo partiu e a cerda salvou os filhos».

Voragine, da mesma época, refere na sua **Lenda Dourada**: «Um rei da Catalunha tinha a desgraça de sua esposa estar endemonhada. Pediu ajuda a Santo António, o qual cedendo à solicitude do monarca,

visitou a corte de Barcelona, exorcizou a mulher e restituiu-lhe a sua calma. Produzido o milagre, no salão do rei, apareceu uma cerda que depôs aos pés do Santo um dos filhos nascidos sem olhos nem patas. Depois, saltando grunhidos e prendendo com os dentes as vestes do taumaturgo parecia implorar-lhe que lhe curasse o rebento.

«Amercado, Santo António curou o porqueto e este, agradecido, seguiu o santo toda a vida».

Pois bem, chegado o século XVII, a honra, a fama e renome dos cerdos pulverizaram-se de um golpe. No século XIII teve os seus poetas em Voragine e Maria de Francia.

No século XVIII, Buffon, o ilustre naturalista, foi seu severo crítico e inexorável detractor. Na História Natural, Buffon pôs os pobres cerdos pelas ruas da amargura; reduziu-os a um trapo. Escreveu o seguinte:

«De todos os quadrúpedes, o cerdo parece ser o animal mais bruto; as imperfeições da sua forma corporal parecem influir sobre a sua natureza; todos os seus hábitos são demasiado grosseiros; os seus gestos e os seus grunhidos imundez; parece comprazer-se na lama; chafurdeia nas poças pútridas e nos monturos. Tudo nesse animal é asqueroso e se resume a uma luxúria furiosa e a uma gula voraz e brutal».

Buffon terá razão?... Na realidade, o porco... é um porco. Mas será tão grosseiro quanto afirma o grande naturalista francês? Verdaderamente, o cerdo não é mais grosseiro, nem mais preguiçoso, nem mais voraz, na sua gula, do que qualquer outro animal doméstico. O que se pode dizer é que ele não cuida de escolher manjar limpo nem água clara. Põe-se a beber e a devorar qualquer coisa, seja o que for. Quanto à cerda, em si, que devemos pensar dela?... É certo que às vezes come os filhinhos mal acaba de os dar à luz. Mas dizemos entendidos os dar, a cerda mãe, exige que os seus bebês estejam bem limpos... Se não estão, ela pre-

tende lavá-los e sente, então, a tentação de prová-los.

### NOVA ÉPOCA

A época que se inicia com a Revolução Francesa ajudou muito as reivindicações do cerdo. Investigadores como J. B. Saiguis e outros grandes nomes, assinalam o período de ouro dos cerdos, a melher da história porcina.

O mais célebre tratadista nesta especialidade é Grimand de la Reyniere.

Compôs um tratado de culinária a que deu o saboroso nome de **O Calendário nutritivo** o qual publicado em 1803 lhe granjeou basta fama. E ele, por seu turno, a deu ao cerdo, pois o **Calendário Nutritivo**, punha-o nas pontas da lua, como o melhor material para a cozinha, e indicava os valores da sua condimentação com verdadeiro entusiasmo. Dizia assim:

«Ao tratar aqui de tão estimável bestinha, não sei como deo começar, nem como entrar em tão saborosa matéria. Se começasse pelo aspecto mais nobre, ver-me-ia a braços com um grande trabalho, pois a sua cabeça que é uma urna de sangue, está à margem de toda a arte da civilização: os seus costados fornecem-nos de mil maneiras preparados culinários que regalam a nossa sensualidade civilizada; as suas patas, os seus membros, oh! são a delícia das delícias; os toucinhos rosados, saborosos, alimentícios fazem-nos musistar... São a reputação e a fortuna de Mayenne e de Bayona! As orelhas, a língua e os pés sublimam a arte dos cozinheiros, e os homens de bom gosto preferem um guisado com eles à justiceira aplicação dos famosos **Direitos do Homem**... O seu sangue é saborosíssimo. São inumeráveis as metamorfoses que pode conseguir uma cozinha que se preze do nome que lhe deram. Os seus miolos misturados com queijo sugerem o maná celeste. Assadas, as suas costeletas são magníficas. E as suas gorduras são qualquer coisa à qual nunca ficámos suficientemente reconhecidos».

(Continua no próximo número)







## O actor ANDRADE E SILVA APROVEITA O CARNAVAL PARA DESABAFAR...

ANDRADE e Silva, faz da admirável «profissão de loucos», chamada Teatro, maravilhosa razão de viver. Uns acreditam no seu talento; outros duvidam; outros ainda afirmam que não têm dúvidas nenhuma... Pois nós somos dos que acreditamos nele. Precisa de limar umas arestas de personalidade, que se manifesta por vezes com demasiada irreverência, perder um pouco de teimosia nem sempre esclarecida — e temos homem. Andrade e Silva é, aliás, um actor que vai trepando com segurança os degraus da difícil Arte que escolheu. Não tem sido favorecido com publicidades nem amizades. Tem lutado sozinho e perseverantemente (aqui, a teimosia foi qualidade...)

Pois Andrade e Silva aproveitou a época em que todos brincam para falar a sério. Há quem faça votos no Ano Novo; ele preferiu formulá-los no Carnaval; e não são destituídos de oportunidade, pois são sempre actuais.

Com respeito ao Cinema, aqui temos a sua opinião:

«...que os produtores não olhem sistematicamente desconfiados os assuntos novos e as concepções inéditas;

«...que o cinema seja, mais artístico; não pretendo, evidentemente que se transforme em Arte com A grande, o que seria utopia, mas que seja arte comercial, na medida em que assim se pode dizer;

«...que a sinceridade e o coração consigam vencer a memória e a facilidade, no que concerne à escolha dos temas.

Do que, sobre Teatro, nos disse Andrade e Silva, aqui fica a súplica:

«...que não se passe de um extremo ao outro; que os autores não esqueçam jamais as necessidades materiais da nossa profissão e que se não esqueçam também de que o espectador, antes de entrar na sala, passa pela bilheteira;

«...que os autores para viver não sejam obrigados, a trabalhar em temas «de encomenda», que já não os inspiram;

«...que atraiamos o público a nós, em vez de ir ao encontro dele, com desculpas como esta: «eles gostam disto!»

«...que se fale menos de arte erótica quando se pretende simplesmente despertar o porco que dorme em todos os homens...

Nesta altura resolvemos pôr ponto final na conversa, que estava a enveredar para assuntos um tanto violentos...



Sim... Agora percebo porque quiseste mascarar-te

## PONTÍFICE DO SURREALISMO

# Salvador Dali

## TORNOU-SE PROFETA DAS TINTAS E DOS LÁPIS

INSPIRADO na arcada ogival (invertida) de um arco abatido — os seus bigodes antinietzchianos, como lhes chama — vai surgir um mundo novo, diferente, mais feliz ou não, mas surrealista a valer.

Ele é o profeta das tintas e dos lápis, um profeta ao pé do qual Daniel e Bacu, Isaías e Jeremias, Júlio Verne e Nostradamus ficam a perder de vista: o visionário Dali não se limita a dizer como é, ou como será; mostra em imagens palpáveis, a vida terrena que sucederá ao eclipse do realismo, disfarçado ou não, verdadeiro ou fingido que, nós, contrafeitos, aceitamos ainda.

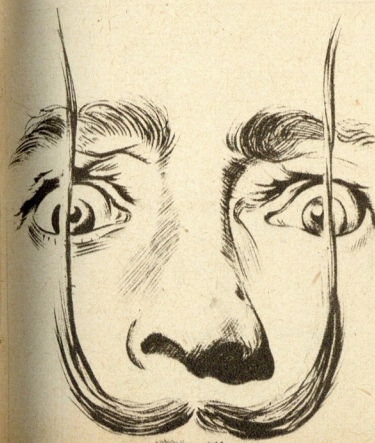
Príncipe do surrealismo, campeão da



antecipação ousada, o mundo que Dali habita (e dali ninguém o tira) é o mundo, que ele preconiza para os seus semelhantes.

E não faltará muito para que assistamos à consumação dos seus vaticínios, a qual irá criar uma sociedade nova e uma nova sociologia.

Em breve, tudo mudará da face da Terra.



Grças à descoberta de «chromosomes» será possível, num futuro próximo, criar monstros. A coisa mais fácil será o crescimento das pernas. A utilidade residirá naturalmente no desenvolvimento dos vários circos para crianças pequenas. Dali prevê isto e o mais que adiante se verá.

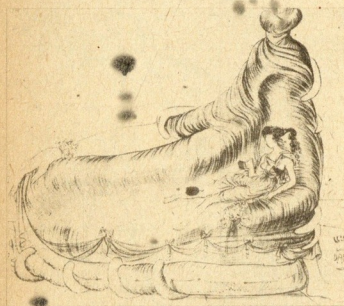
# O MUNDO VAI SER ASSIM...



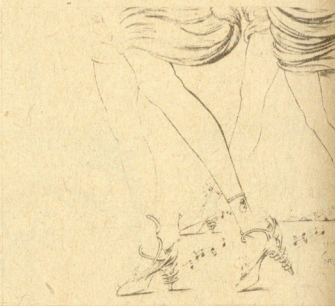
O homem será capaz de entregar-se sem medo aos encontros da velocidade supersônica, graças a uma espécie de balões que resistirão a todas as deformações causadas pela pressão atmosférica.



Dentro de seis anos, as senhoras elegantes usarão vestidos radioativos, a femilidade será exaltada ao extremo e elas usarão falsos estômagos. O tradicional e aristocrático chá das cinco será servido na planície desses abdomes.



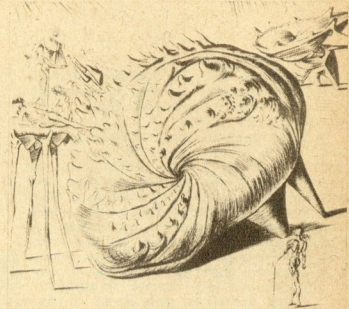
Para os indivíduos mentalmente complexos, existirá um sofá com os predicados verdadeiramente acolhedores de uma mãe e de um pai. Isto evitará os longos tratamentos psicanalíticos.



Para conforto dos pés femininos, aparecerá um sapato feito de chifre de rinoceronte e equipado com saltos de molas, talhados em forma de acordeão. Ao caminhar, esses saltos emitirão música.



O homem normal será obrigado a permanecer seis minutos nesta estranha máquina. Será submetido a choques intensos que o libertarão de toda sensação comum. Sentir-se-á transportado ao mundo real da fantasia.



A couve-flor é o vegetal de maior poder cósmico. No futuro, os salões de beleza substituirão as fumaças sulfurosas do passado e as cosméticas do presente. As irradiações cósmicas são a felicidade da pele, da forma e dos olhos.



A Arquitetura será um protesto contra a rigidez do edifício das Nações Unidas, em Nova Iorque. O edifício será mole, elástico e com direito a contrair-se. A estrutura será amplamente modificada de acordo com a luz e a humidade.



Dentro de alguns anos, as senhoras frequentarão os «cocktails» e as festas galantes com esta maleta, a qual além de lhes servir de apoio, possui televisão, compartimento para acessórios e luzes para realçar a beleza dos cabelos e as jóias.

# ENTRUDO MOLHADO

— Água vai! Lá vai água.  
Eram os gritos que, no Carnaval enchiam a cidade, correndo-lhe à volta numa guerra sem quartel que durava três dias.

— Lá vai água!  
E ao aviso de água que vai, que se precatasse o transeunte, armando de guarda chuva, ou fuzindo o bom correr, porque jorrava a água em esguichos de pipa, em arremedos de garrafinhas de cheiro, ou golpes de caneca (às vezes de cântaros) pois o divertimento consistia na molhada.

Toda a gente saía à rua, assomava às janelas, alinhava-se pelas praças e becoss, para o supremo gozo de encharcar o próximo, metendo-o em banho inesperado. Então, cenas grotescas desafiavam o riso e alimentavam a alegria, com severas senhoras a espumarem de raiva, venerandos desembargadores escorrendo água em bica, luzidos oficiais molhados como pintos e até polícias de face escarlate, pança redonda e chantinho à cinta, pareciam mais vermelhos e mais inchados de indignação retumbante. As mocinhas, principalmente excediam-se, celebrizavam-se, ganhavam nome transmitido de ano a ano, com o estilo dos seus ataques e a abundância de recursos de engodo e surpresa. Por outro lado, os rapazes pândegos, sempre caixeiros de lojas da Baixa ou estudantes de medicina, para não ficarem atrás, começavam escandalosas loucuras, que acabavam no Governo Civil e impressionavam a própria imprensa.

Ficou famosa a proeza de três desses jovens es-turdidos, que se guindaram às janelas de um sobrado, para de mais perto, ovalharem as bochechas de moçoilas casadouras que lhes despejavam baldes do segundo andar. Daí conflitos e protestos que estoiravam em rusgas e brigas, pais de família que se tornavam caceteiros, jovens ousados e velhos sólidos que iam acalmar o seu

ardor numa enfermaria de urgência, se não na masmorra de uma esquadra.

Era um Entrudo húmido, mas era Entrudo e nada havia a fazer. Beber e calar.

O poderes-públicos proibiram depois, a tradição molhada. Honra lhes seja. A água é precisa para ministrar num licor que os velhos como eu, velho octagenário, temos necessidade de ingerir para nos esquecermos de que o Carnaval existiu...

«Do sr. P. C., morador em Lisboa, na rua de S. João da Praça, recebemos interessante carta que capeava não menos interessante escrito destinado às colunas da nossa revista.

«Sr. Director: Assíduo leitor da «Crónica» tenho lido com verdadeiro aprazimento algumas antologias publicadas com a nota de actualizadas. Todas, ventilm assuntos que atravessam épocas e só podem morrer com o mundo: «Por que se pintam as mulheres?», «Saíndo das saias» e «O amor é uma epidemia», insertos na sua revista sob a epigrafe de antologias, são realmente fenómenos de ontem e de hoje que se repetirão amanhã.

Pois muito bem. A vaidade de velho, de velho que não reconhece a hegemonia dos moços animou-me a rebuscar na tumba das minhas reminiscências um assunto de antologia ou melhor um assunto para uma antologia que ninguém ousa actualizar.

Darei um doce a quem for capaz. V. conceda-me a honra de lhe passar os olhos por cima e, se em seu critério entender que merece a luz da publicidade, pode mandá-la imprimir que eu de bom agrado lhe dou de presente.

Consumada a oferta não me despeço sem lhe dar um conselho, um conselho de velho (entendeu?): Não lhe mude sequer uma vírgula. Repare bem que o assunto pertence ao passado; é do tempo que o tempo levou. Não te mfoio algum que o ligue ao Presente.

De V. att. v., etc. — a) P. C.»



# MONA LISA (A Gioconda)

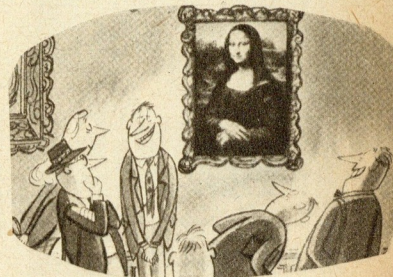
## AGORA, SORRI PARA DENTRO...

O sorriso da Gioconda entrou na lenda das Belas Artes, com conhecimento póstumo de Leonardo Da Vinci. Acalentou o esboço de poetas e prosadores; é assunto fácil para o jornalista obrigado a preencher uma coluna em maré baixa de inspiração. É tema gratuito, que não paga direitos de autor, contribuições ou impostos. Não há perigo de se esverarem asneiras clamorosas, porquanto os leitores já estão por tudo: o sorriso enigmático, a postura das mãos, a falta das sobranceiras, a paisagem ao fundo, os olhos que seguem as pessoas, inexoravelmente. A Gioconda teria sido mulher de um comerciante grosseiro, nédo, materialão; o artista apaixonara-se por ela; o modelo teria sido um rapazinho, e não uma mulher; o quadro é famoso, mas não tem direito a tanto; a pintura é, de facto, excepcional; só os snobs de há trinta anos são capazes de a apreciar devidamente; esses snobs são bota-de-elástico e não percebem nada de pintura; o quadro é genial; é, não é, é, não é...

...Em Paris, tempos um amigo que é devoto admirador da Mona Lisa (este é o nome da esposa do tal comerciante anafado e próspero), que lhe serve de retemperador de forças conjugais, isto é: sempre que se zanga lá em casa, ou sente os cabelos em pé sem saber onde ir buscar os milhares de francos que o senhorio exige pelo aluguer do apartamento onde vive — põe o chapéu, bate com a porta, mete-se no «metro», precipita-se para o Louvre sobe ao primeiro andar, corre para a «Grand Galerie» do museu... e fica embaçado diante da Gioconda, que o fita com o tal sorriso enigmático, no qual o nosso amigo pretende vislumbrar laivos de traça. Quando regressa a casa, sente os ânimos em paz, dá uma beijoica sonora na esposa e tem uma ideia que lhe permite resolver a questão do senhorio.

Acontece que o nosso amigo não sabe explicar-nos a razão por que a Mona Lisa é um sedativo para ele. Limita-se a aceitar o facto, e a registá-lo. De uma das suas últimas cartas, respigámos o que segue:

«...Já me sinto familiarizado com o quadro e com as pessoas que, de todo o mundo, acorrem a vê-lo. A Gioconda está protegida por um caixilho (muito bonito), por um vidro (talvez para que os turistas não acrescentem os seus nomes ao do autor da pintura) e por um guarda (para evitar que a campainha de alarme, colocada por detrás do quadro, comece a soar sem mais nem menos...). Os turistas sentem pela Mona Lisa um temor respeitoso. Não se aproximam dela como se fosse um quadro. Fazem-no com um cerimonial que podia chamar-se o minuette da Gioconda, ou, mais exactamente, um semi-minuete... O turista inclina-se, e avança depois com



passos curtos. A seguir, sempre com o olhar fixo no quadro, efectua um movimento em redor, para verificar se os famosos olhos o seguem, como afirmam a maior parte dos cicerones. Finalmente, aproxima-se de novo do quadro, já sem o corpo em curvatura, e continua a contemplá-lo, como se estivesse à espera de que acontecesse algo de extraordinário, em desacordo com as leis da Natureza.

Há uma minoria de turistas (aqueles que não querem ir onde vão todos os outros) que pretendem não estar interessados na Gioconda. Declaram que foram estudar o Ticiano (à esquerda) e Corrégio (à direita), olhando, por acaso de passagem, para a Mona Lisa.

(Continua na pág. 29)

## Aconteceu em Paris

# A TIA RITA CASOU-SE e o sobrinho foi à boda

Sem depormos o religioso respeito devido ao sacramento que leva os seres ao altar, pedimos licença aos bem-casados (e àqueles que tencionam, em breve, entretecer na pacatez de um lar o amor que os inebria), pedimos licença, dizíamos para lhes contar uma pequenina ocorrência verificada num palácio da Paris galante.

A tia Rita casou-se e pequenino Chouchou, simile vivaz do Toninho da Estrela ou de Manecas de Alcântara foi,

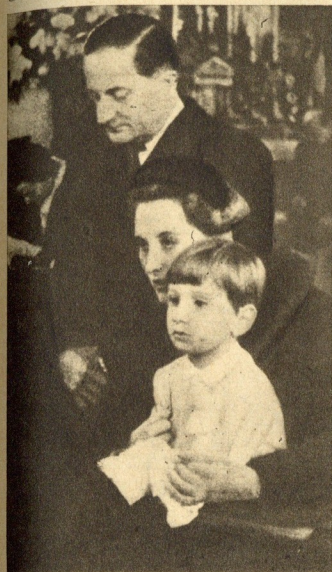


É que eu hei-de fazer agora? Se ao menos pudesse cabriolar sobre o banco.

Bom, pensa Chouchou, se eles não querem reinar... e distrai os olhitos em derredor. Que grandes janelas há lá em cima. São idiotas com certeza. Então estas pessoas grandes não vêem as coisas bonitas que há por aqui?

com eles assistir ao consórcio da sua parente chegada. Isto sem diferença nenhuma ou com a pequenina diferença de os protagonistas do tal casório serem jovens que o vasto mundo conhece, e as testemunhas se cotarem entre figuras cujos nomes ressoam altissonantes em todos os lugares do globo.

Mas que sucedeu? Isso vem nas imagens.



Quero ir para ao pé da mamã! Chouchou corre para junto da mãe, assiste ao casamento da milionária americana Rita Salmana com o filho do joalheiro parisiense Cartier. Estão presentes os famosos armadores de navios Onassis e Niarchos, além de Ali Khan e do Príncipe de Bourbon e Parma. Gente famosa, Chouchou não se deixa impressionar... são todos tão bisonhos! Por que será que não me deixam brincar? Não, Chouchou, diz ele para consigo, não pedes fazer o que te apetece.



Engana-se!... Afinal Chouchou escapa-se-lhe. E qual a ideia que o move? Não, isto assim não pode continuar. Para onde irá o pirralho?



Isso nunca! Quem tem frio embrulha-se na capa do tio e deixa em paz o alvo manto da tia, que custou um milhão e serve apenas para um dia.



## ÁRVORES e PICARETAS !

Não foi sem espanto que se nos deparou o simpático artista Bártolo Valença em luta com a terra dura da Avenida, abrindo à força de picareta uma cova, que seria cada vez maior, maior, maior, até se transformar no cavernoso túnel do Metropolitano.

Assim como quem não quer a coisa, indagámos se o azar da vida o lançara para novas lutas. Com um sorriso, cansado mas satisfeito, disse-nos que não, felizmente: os contratos não lhe faltam e o dinheiro entra-lhe em casa às mãos cheias.

Sentira apenas necessidade de aproveitar um excesso de energia e, para não bater nas pessoas, resolvera cavar um túnel, num instantinho. Depois, como se achava ainda fresco que nem uma alfaca, resolveu ir regar uma árvore, que morria de sede. Era uma das pouças que resistira, alanceira, na Avenida da Liberdade, talvez por ser de carnes duras e ossos bem calcificados. Ao regar a frondosa amiga, Bártolo chorou de comção e garantiu que as árvores morrem de pé!

## PIRILAMPOS

Não são os anos que nos envelhecem, mas a ideia de que nos fazemos velhos.

★

Os homens preferem a mulher bela à mulher inteligente porque têm melhor vista do que cérebro.

★

Os pobres são as únicas pessoas que têm vida privada. Privada de muitas coisas.

## NO BANCO dos réus

É sistemático. Todos os sábados, veneráveis figuras desta Lisboa pacata aparecem, sem saber porquê, envolvidas no mais execrando dos crimes, e surgem sentadas naquele lugar onde o maior valdevinos não gostaria de pôr os fundilhos.

Essas figuras, gente proba das artes ou das letras, espíritos rectilíneos, personalidades inatacáveis, são vítimas, afinal, de delitos jornalísticos, mais ou menos incongruentes mas, cometidos adrede para disfarçar a vacuidade mental de certa gente da imprensa.

Por norma, os réus saem sempre absolvidos. Têm fortes atenuantes: basta-lhes a alegação que suportaram durante sessenta minutos ou mais, um interrogatório monócórdico, cansativo, perfuratório. E os oficiais de legências que se estafam para os ouvir, batem em retirada e vão bater a outra porta, dispostos a importunar mais um réu.

Visto o modo de estabelecer a intriga, entramos na teia armados de juiz com beca, maço, campainha e tudo.

Hoje é que vamos ver como é: Há delinquentes que nunca foram sentenciados.

— Levante-se o Réu! (sussurros na sala).

— Como se chama?  
— José Manuel Nobre Perdigão Queiroga.

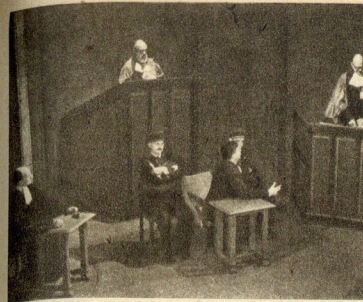
— Que faz o réu?

— Já fiz, sr. doutor Juiz. Já fiz... o Fado, a Mouraria, Sonhar é Fácil, a Planície Heróica...

— Bonito rol, sim senhor. Um estendal de heroicidades!... Diga-me a sua profissão?

— Cineasta.

— Cine basta, é o que você vai ser. (E lê a sentença): Actividade suspensa por toda a vida.



\* \* \*

— Como se chama?  
— Beatriz Costa.  
— Artista teatral?  
— Eu mesma.  
— Ah, aquela corista que nasceu na Malveira?

— Eu não, senhor doutor Juiz. É falso. As testemunhas são perjuras, mande-as prender. Eu... eu... sou proprietária no Rio de Janeiro (e a arguida diz em lágrimas o seu protesto).

O juiz, condoído:

— Pronto, minha senhora, está absolvida dos seus delitos recentes, mas não nos pregue mais peças. E não chore, não se emocione. Olhe que lhe faz mal na sua idade...

— Mas que idade me dá V. Ex.ª?

— Os cinquenta que constam do registo!

— Ai, os marotos do Arquivo, vão já saber quem eu sou (e sai, batendo o pé e brandindo os punhos, enquanto o público irrompe em pateada).

## VIDA, A QUANTO OBRIGAS...

Tempo de chuva, nuvens baixas, algibeiras aliviadas... de dinheiro. O humorismo dá muito pouco e as rendas são altas...

Joaquim Cordeiro, o homem que tirou o fado das ruas da amargura e o levou para as praças da alegria, procura resolver o problema doméstico derivado da carestia do peixe. Muniu-se de uma cana de pesca, de paciência, de alguma isca e de muita... «lata». Foi até ao Rossio, transpôs o gradeamento, atirou a linha e, com a filosófica calma dos pescadores, esperou que o peixe mordesse a isca.

A história não teve um epílogo bonito nem feio. A Polícia aconselhou Joaquim Cordeiro a regressar a penates, o que ele fez, desgostoso com a falta de peixinhos na frigideira de casa.



“CRÓNICA masculina”

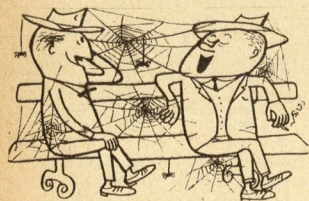
“CRÓNICA feminina”

— 2 revistas que

ROMENS - E MULHERES COLECCIONAM

## ROGOS SÉRIOS A UM DEUS BRINCALHÃO

# Que o Deus Momo nos valha para que...



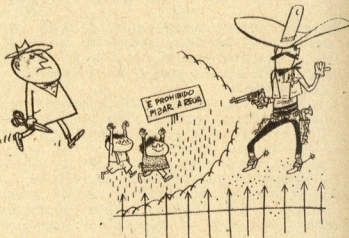
... a vida seja menos agitada.



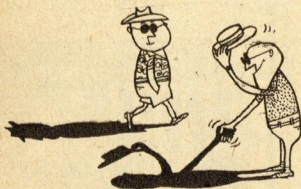
... o amor não seja uma lotaria.



... a gorgeta seja abolida.



... os guardas dos jardins se compadeçam dos namorados, queremos dizer das crianças.



... haja sol este verão.



... a caridade dure todo o ano.



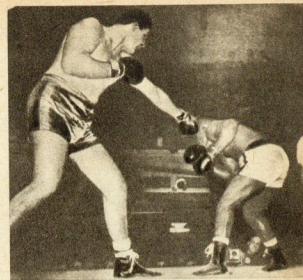
## OS PRÍNCIPES DIVERTEM-SE

Esta curiosa fotografia foi tirada na última noite de 1956.

Alexandre da Jugoslávia, marido de Maria Pia de Savoia, passou, com a esposa, a noite de São Silvestre no Sporting de Inverno de Montecarlo. Nesse instante, a meia-noite estava prestes a soar, e o momento era de expectativa.

O Príncipe Alexandre, como qualquer folião bem disposto, não se importou de ser surpreendido com um barrete vulgaríssimo, num ambiente folgazão.

De facto, os tempos modernos permitem tudo isto, numa demonstração clara de que muitos preconceitos são postos de parte, sem perda de dignidade para quem o faz, mesmo que se trate de cabeças coroadas.



## O segundo Carnera beijou a lona!

Em Springfield (Massachusetts), a carreira do gigante sul-africano Ewart Potgieter sofreu brusca paragem. O peso máximo Jeff Dyer (à direita), em nada intimidado pelos dois metros e quinze do pugilista mais alto do mundo, bateu-o aos pontos.

Potgieter, que se preparava para seguir as pisadas do famoso Primo Carnera, tinha vencido até este encontro 12 combates.

No entanto, cremos que o facto de ter averbado esta derrota não é suficiente para desistir.



## A nossa capa

Dias efêmeros como balões coloridos... A ponta acesa de um cigarro, um estoiro, um silvo agudo, rápido, agônico... É a fiavelante película elástica, que parecia desafiar as estrelas, não passa de um farrapo de borracha amarfanhada...

Assim estes três dias de boa disposição obrigatória, e por isso pouco ou nada convincente, passam com o ruído do estoiro de rolha de garrafa de espumante, nas mãos inábeis de alegres foliões. Uma alegria falsa, como falso é o «cachet» do «champagne» caseiro, anídrido carbónico que se escapa em bolhas gasosas para uma atmosfera viclada.

Mas... deitemos para trás das costas tiradas tristes de filosofia barata, e vamos dar ao pé, soltar balões, sonhar em cinemascópio e tecnicolor, beber taças de espumante ou de vinho branco! Viva a folia, o Rei Momo e o crédito!...



QUEM ADIVINHA, VAI PARA A CASINHA

## AS CARTAS DE JOGAR DIZEM O QUE LHE ACONTECERÁ NO JOGO (DE AZAR) DA VIDA

**T**ODA a gente deseja conhecer o seu futuro e para tal não olha a meios, olha só para os «mediuns» quando não se lhes dirige por carta.

Uns recorrem aos astrólogos da Feira (Popular) ou àqueles (os mesmos) que dão consultas em casa. Indicam-lhes a hora exacta do nascimento, confirmada pela parteira que faz declaração em papel selado e por assinatura reconhecida por notário público e encomendam-lhes o horóscopo — depois de esportular umas coroas que às vezes vão à quilada. Outros estendem a mão às ciganas num gesto cavalheiresco para que elas lhe leiam «la buena dicha»; e ainda outros vão à bruxa, que num ambiente sórdido lhes afirma que, ali, é fonte limpa.

Muito a sério, embora estejamos no Carnaval, oferecemos-te, leitor, um meio que te livrará dessas cansativas jornadas para as pernas e para a bolsa.

O teu futuro está nas cartas, não nas cartas de amor que tu, Romeu, escreveste à Julieta; tu, Quixote, enviaste à Dulcinea, tu, Tristão dirigiste tristemente à Isolda — mas nas cartas de jogar.

Acredita, que é verdade, mas se não acreditaste (dirás com os teus botões que oráculos de casa não fazem milagres) ficas com um passatempo para as horas de lazer. Ora vê e aprecia.

### «MODUS OPERANDI»

1.º — Muna-se de um baralho de 32 cartas e assinala cada uma com uma cruz feita num ângulo; se, ao tirá-la, a cruz estiver ao alto, a carta será FAVORÁVEL; no caso contrário será DESFAVORÁVEL e a significação mudará.

2.º — Baralhe 7 vezes a carta; divida o baralho em 7 maços e, em seguida, volte a reunir num só.

3.º — Ponha na mesa o jogo e tire 21 cartas por cima, sem ver.

4.º — Faça 7 montinhos de 3 cartas.

5.º — Inverte a ordem primitiva desses montinhos de maneira que não haja possibilidade de localizar qualquer naipe, isto tantas vezes quantas as precisas para adquirir a certeza de que ninguém sabe onde está e como está determinada carta.

6.º — Veja, agora, o sentido dos montinhos para quem tira:

O 1.º, designa bem-estar; o 2.º, fortuna; o 3.º, trabalho; o 4.º, vida familiar; o 5.º, relações; o 6.º, coração; e o 7.º, imprevisto.

7.º — De posse de outros dados, complete o nosso quadro, elaborado por naipe, tendo em conta o sentido das 3 cartas de cada montinho. Dois ases anulam-se; três ases anunciam êxito feliz e excepcional.

### PAUS

**AS** — Favorável; audácia, êxito completo à vista. **Desfavorável**: êxito muito parcial, mudança sem boa finalidade.

**REI** — Fav.: progresso em toda a linha. **Desf.:** críticas contra V.; perda da estima de alguém.

**DAMA** — Fav.: tenha confiança, só lhe desejam bem. **Desf.:** mentem-lhe.

**VALETE** — Fav.: arrisque tudo, êxito assegurado. **Desf.:** muita calma! qualquer passo lhe poderá ser fatal.

**DEZ** — Fav.: Dinheiro. **Desf.:** Preocupações financeiras.

**NOVE** — Fav.: A sua ambição fortalece-se. **Desf.:** Caminho errado, modifique os projectos.

**OITO** — Fav.: A felicidade bafeja-o. **Desf.:** Perigo, decepção.

**SETE** — Fav.: Mudança auspiciosa. **Desf.:** Mau preságio nos negócios.

### COPAS

**AS** — Fav.: Sinceridade dos que o cercam. **Desf.:** Mentem-lhe.

**REI** — Fav.: Homem mais idoso que você, vai jogar.

**Desf.:** Esse homem não cumprirá as suas promessas.

**DAMA** — Fav.: O seu amigo e os seus conselhos são bons.

**Desf.:** Tem um amigo hipócrita.

**VALETE** — Fav.: Viva satisfação no trabalho. **Desf.:** Planos contrariados, perda e roubo.

**DEZ** — Fav.: Triunfo rápido. **Desf.:** Só à custa de grande esforço obterá relativo êxito.

**NOVE** — Fav.: Vida sentimental propiciadora dos seus desejos. **Desf.:** Carta esperada com boas notícias.

**OITO** — Fav.: Confie na sua intuição; as duas cartas deste montinho falam verdade. **Desf.:** Contrariedades nos negócios.

**SETE** — Fav.: Aceite convites. **Desf.:** Não aceite convites.

### ESPADAS

**AS** — Fav.: Sérios obstáculos à vida podem surgir-lhe. **Desf.:** Contrariedades insuspeitadas.

**REI** — Fav.: Inimigo poderoso e astuto vigia os seus passos. **Desf.:** Inimigo poderoso mas sem esperteza.

**DAMA** — Fav.: Rival temível sem escrúpulos. **Desf.:** Rival sem perigo.

**VALETE** — Fav.: Os seus assuntos precisam de muitos cuidados. **Desf.:** Aborrecimentos benignos.

**DEZ** — Fav.: Desgostos, suspeitas. **Desf.:** Desgosto, mas bom futuro.

**NOVE** — Fav.: Doença que requer cuidado imediato. **Desf.:** Mal ligeiro; um dia de cama.

**OITO** — Fav.: Separação quase inevitável. **Desf.:** Quezílias constantes com separação temporária.

**SETE** — Fav.: Dia bem principiado mas mal acabado. **Desf.:** O contrário.

### OIOS

**AS** — Fav.: Auxílio financeiro. **Desf.:** Nenhuma ajuda.

**REI** — Fav.: Aceite a proposta feita. **Desf.:** Nada de ingenuidades; tudo conseguirá com o seu prestígio.

**DAMA** — Fav.: Não desanime, o êxito acompanha-o. **Desf.:** Abandone alerta.

**VALETE** — Fav.: Procure a ajuda dum desconhecido. **Desf.:** Torneie os obstáculos.

**DEZ** — Fav.: Viagem agradável, sem acidentes. **Desf.:** O contrário.

**NOVE** — Fav.: Nascimento dum rapaz. **Desf.:** Nascimento duma filha à qual devota grande ternura.

**OITO** — Fav.: Carta inesperada com boas notícias. **Desf.:** Novas desagradáveis; aborrecimentos passageiros.

**SETE** — Fav.: A indecisão fica-lhe bem. **Desf.:** Não deixe passar esta ocasião, única para triunfar.



## UMA CABRINHA TEMERÁRIA

Focinho apontado para o solo, pronta para o ataque, esta cabrinha anã parece querer disputar posições com o búfalo. Esta imagem foi colhida no Zoo de Bangalore (Índia).

Para sossego dos amigos dos animais (entre os quais temos a honra de nos encontrarmos), sempre relatamos o que depois se passou:

bra não passou de tímida brincadeira: o avanço pacífico mas resolutivo do búfalo foi o suficiente para provocar a fuga do curioso espécime caprino.

## OS RUSSOS BRANCOS DIVERTEM-SE

Por ocasião do Fim do Ano ortodoxo, que ocorre a 13 de Janeiro, os russos brancos de Nova Iorque organizaram, no conhecido Hotel Embaixador, uma festa, com fins de benemerência, em que não faltou o «animado baile até de madrugada».

Uma das protagonistas do baile foi Susana Dujon, ex-«Miss Mundo».

Susana vive na Venezuela, mas é de origem russa.

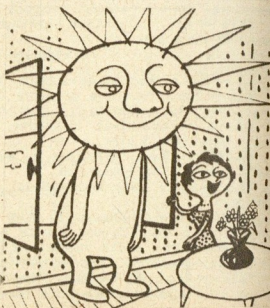
Do seu par não reza a crónica, mas não duvidamos de que, se não era branco, ficou branco no fim da dança. Nem sempre o par que nos calha é uma «Miss Mundo»!



### FERIAS DESPORTIVAS

— Eu não lhe disse? É infatigável, o nosso guia!...

— Querido, vê lá se adivinhas quem entrou, mal abriu a janela?!



## Não hesitou em atirar-se para debaixo do camião — E SALVOU A FILHA!

Antonetta Bragalenti, heróica mãe de três filhos, na manhã de 9 de Janeiro, numa rua do bairro Trionfale (Roma), não hesitou em atirar-se para entre as rodas de um autocarro, salvando de fatal acidente sua filhinha Gianna, de três anos de idade.

Gianna apenas sofreu leves escoriações, mas a mãe morreu no próprio local de salvamento: tinha 35 anos.

Nesta fotografia, tirada no ano passado, Antonietta Bragalenti segura nos braços a sua Gianna.



### MONA LISA

(Continuado da pág. 19)

Se dois ou mais visitantes a apreciam ao mesmo tempo, são **notáveis** as suas apreciações; por exemplo: aproxima-se um cicerone, com um americano e sua esposa.

**Cicerone** — Observem esta extraordinária expressão... Um sorriso tão leve, tão etéreo...

**O americano** — Unnhhh.

**Cicerone** — Reparem como os olhos dela os seguem...

**O americano** — Unnhhh... Isto é que é arte.

Tomam uma posição lateral (em referência ao quadro, é claro...) e o diálogo prossegue.

**Cicerone** — Ela continua a fitar as pessoas. É tão humana... Parece compreender o que nós dizemos! Não me sinto à vontade, quando falo diante dela. Parece que adivinha os nossos pensamentos.

**O americano** — Quem é ela?

**Cicerone** — É a mulher não se sabe de quem...

**O americano** — Costava de saber quem é ela realmente!

**Chega um casal de alemães.**

— É a boca, não?

— Ya — replica o outro, — é a boca. Depois, um casal de ingleses. A mulher detém-se e o homem diz:

— Vamos, vamos... Já vimos isto!

Aproximam-se três americanos:

— É este?

— Parece-me que não. (Olha para a placa metálica que identifica o quadro). Sim, é este.

— É o original, não é?

— É melhor perguntar ao guarda.

Um deles vai ter com o guarda e em francês (mais ou menos):

— Aquele é o original de Mona Lisa, não é?

— É — responde o homemzinho. — É o original.

O americano regressa para junto dos outros dois.

— É; sempre é este.

— Parece-me que é o quadro mais caro do mundo.

— Mas eles não o vendem.

— Então, vamos embora. Onde está a **Vénus de Milo**?

Desta vez, são dois italianos:

— la apostar que é um homem.

— Não é. Repara no peito.

... Não me furto à ideia de que, de facto, o cicerone tinha razão: Mona Lisa adivinha o pensamento das pessoas. Se assim não fosse, há muito tempo teria deixado de sorrir...





# FIQUE-SE COM ESTA!

Na Lapónia adopta-se curioso método para pescar. Prescinde-se por completo dos utensílios noutras latitudes considerados imprescindíveis, tais como anzóis, linhas, canas, etc..

Os lapões armam-se de nutrido garrote e deslizam sobre a superfície do gelo até se aperceberem, através da transparência, do movimento de algum peixe. Encontrado o objecto das suas explorações, zurzem fortemente o gelo que se quebra, e depois limitam-se a apalhar o peixe à mão, o qual, morto em consequência dos golpes, não tarda a vir à superfície.

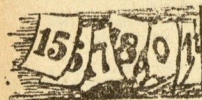


\* \* \*

De cada catorze pessoas, uma sofre de desequilíbrios nervosos.

As mulheres tornam-se vítimas mais fáceis desse mal devido aos saltos altos, à vida mais rápida e ao facto de se preocuparem constantemente com o seu aspecto.

\* \* \*



A Suécia é o país que possui mais bosques, e a Inglaterra o que tem menos.

\* \* \*

Um favor recusado cancela a dívida de gratidão por cem favores concedidos.

\* \* \*

Muitos relâmpagos são silenciosos.

\* \* \*

Para cada dia do mês os persas tinham um nome diferente.

\* \* \*

A arte de conversar consiste em não dizer nada, dando a sensação de dizer muito. Ou em dizer muito, aparentando não dizer nada.

\* \* \*

O primeiro Lord do almirantado britânico obsequiou



recentemente com uma recepção no seu palácio cento e cinquenta crianças.

No final da festa apurou que os prejuízos causados pela alacridade dos convivas ascendiam a 800 contos, do que fez comunicação à sua companhia de seguros.

O curioso da história é que a maioria das crianças acolhidas pelo ministro inglês eram filhas de diplomatas acreditados em Londres.

\* \* \*

Homem de vontade é aquele que consegue que a sogra lhe faça os cigarros.

\* \* \*



O homem pouco cuidadoso, faz como o sol: sai todos os dias sem se preocupar com as manchas.

\* \* \*

Para nos desembaraçarmos de um amigo fastidioso, dispomos de dois meios: pedir dinheiro ou emprestar-lho.

\* \* \*

A necessidade obriga o homem a fazer coisas que lhe repugnam: trabalhar, por exemplo. E que o diga o autor desta secção.



## UM DUCHE... DE REGADOR!

Danick Patisson prefere um duche de água fria a um mergulho no Sena, como exigia uma passagem de um dos seus filmes.

Constituiu espectáculo para os parisienses esta cena à beira-rio. A loira Danick teve de sujeitar-se às exigências do argumento, e não se arrependeu, porque em «Ao longo das ruas», (pois desse filme se tratava) alcançou justificado triunfo. Com efeito, esta realização de Leonide Moguy abriu-lhe de par em par as portas do êxito, pois Danick Patisson revelou-se uma artista de bom quilate.



## O escritor recuperou a vista

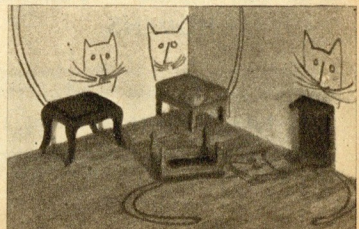
O escritor americano John Howard Griffin, autor de um dos livros mais vendidos nos Estados Unidos durante 1952, recuperou a vista perdida em 1944, durante uma acção de guerra no Pacífico meridional.

Passaram cerca de doze anos até que o sangue voltou a fluir através dos nervos ópticos; Griffin esperou pacientemente, sem nunca desespearar, e teve agora a grande alegria de poder ver pela primeira vez Susan, sua filha de dois anos de idade.

## OS MACACOS comem pepinos?

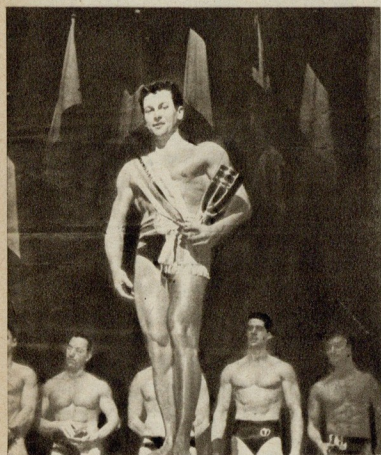
Delicioso aproveitamento de um tema vulgar: banquinhos no canto de uma sala. A habilidade do fotógrafo juntou-se ao espírito delirante do desenhador, num clima de inspiração, que atinge requintes de pesadelo.

Se alguma vez tiverem a tentação de pintar elefantes na casa de banho, aproveitando as semelhanças físicas que o aparentam da banheira; ou se tiverem loucas visões de burros a passear no tecto do quarto de dormir... de duas uma: visitem um psiquiatra ou enviem-nos o produto da vossa exarcebada espiritual. Talvez seja a vossa única oportunidade de colaborar numa revista; e, para nós, era um alívio: ficávamos mais descansados a respeito do nosso actual estado de espírito... pois já não é a primeira vez de deixarmos com sombras dançantes de macacos a comer pepinos.



# "POR VÓS EU ME ROMPO TODO!"

QUANDO a bela é esquiva, e a idade já não ajuda, que remédio senão ajoelhar e, de mãos postas, implorar os favores de um sorriso...



OS HOMENS

O reumático dificulta a posição, tornando-a heróica: tem algo de semelhante ao combate, por sua dama, travado com moinhos de vento que figuram inimigos...

E não é só o corpo que se ajoelha; a alma acompanha-o nesta postura em que o centro de gravidade se desloca, com implícita perda do mínimo de dignidade.

Ao voltar à verticalidade, os ossos rangem e a alma soluça.

A bela, esquiva e provocante, segue o caminho das estrelas...

Também, por momentos, ele foi estrela... cadente.

Condições de assinaturas do Semanário «CRÓNICA MASCULINA»

PORTUGAL, ESPANHA ou BRASIL: 6 meses — 36\$00; 12 meses — 67\$50

A importância pode ser enviada à Administração da nossa revista em estampilhas postais de 1\$00, ou em vale de correio.

*Neste número*



BÁRTOLO VALENÇA REGA AS ÁRVORES DA AVENIDA

JOAQUIM CORDEIRO FOI À PESCA



OS PRÍNCIPES  
DIVERTEM-SE

**N. 13**  
PREÇO 1\$50